

Resenhas Críticas

Mito na Arte

Haiganuch Sarian

Universidade de São Paulo, Brasil

H.A. Shapiro é professor de Estudos Clássicos na Universidade de Canterbury, Christchurch, na Nova Zelândia. Destaca-se internacionalmente como um especialista em iconografia grega e, além de inúmeros artigos já publicados sobre este tema, escreveu também outros dois livros: *Art and Cult under the Tyrants in Athens* (1989) e *Personifications in Greek Art* (1993). Sua inspiração segue sobretudo a Escola Suíço-Alemã, desde o pioneiro Carl Robert, *Bild und Lied* (1881), até os seus representantes atuais, Karl Shefold (1978) e Erika Simon (1985). Isto faz com que deixe de lado a produção antropológica e semiológica dos autores franceses da Escola de Paris e de outros por estes influenciados como os suíços Claude Bérard e Jean-Marc Moret, sem contar outras grandes ausências como, por exemplo, Charles Dugas e Henri Metzger. Vale lembrar, entretanto que *Myth into Art* de Shapiro e o restante da produção intelectual deste autor se inserem num amplo movimento de mudanças e realimentação dos estudos iconográficos nos últimos vinte anos, e sobretudo a partir de 1980, sob a influência dos historiadores da arte, dos lingüistas e dos antropólogos. Estas posições novas não constituem um corpo de doutrina, são na verdade novas perspectivas. Assim é que a década de 80 assistiu a uma verdadeira explosão de estudos sobre iconografia, com publicações de congressos e simpósios e um léxico da iconografia mitológica clássica, renovando os nossos estudos e apontando para a importância da imagem na compreensão das sociedades antigas.

Apontemos desde já que Shapiro não pretende com este livro revolucionar as pesquisas sobre o relacionamento entre mito e arte na Grécia antiga. Como diz no *Prefácio*, "I doubt that Robert was any less sophisticated in his reading of Greek visual image than the modern iconographer and make no apologies for the unabashedly old-fashioned approach employed here" (p. XIX). A novidade repousa na análise das técnicas narrativas dos pintores de vasos arcaicos e clássicos, o que não havia sido feito e ilustrado anteriormente de modo sistemático.

São relevantes os critérios para a seleção dos mitos discutidos nesta obra: "I have chose only those myths for which we have a) a relatively full retelling in an extant literary work from Homer to Euripides and b) a group of at least three or four preserved representations from the seventh to the fourth century" (p. XX). Ao lado de uma *Introdução* (p. 1-10) em que explora "O mundo do Mito Grego", "O lugar do Poeta" "O lugar do Artista" e "Poeta e Pintor: estratégias narrativas", o Autor organiza o livro em três principais gêneros literários inspirando-se de Karl Shefold (1978: p.272-279) que sugere que a imagística do período arcaico pode ser dividida sucessivamente em "Épica", "Lírica" e "Drama".

Ao longo do livro, o Autor aplica quatro métodos de narrativa na arte Grega, adaptadas de Anthony Snodgrass (1982, 1987). Há poucos anos (1990, 1992) Shapiro já havia explorado esta questão em excelentes artigos, e a narrativa e suas estratégias são o foco de suas análises. Ele segue rigorosamente uma exposição dos textos pertinentes a um determinado mito, com suas versões e cronologias, seguidos das representações pintadas em vasos de inspiração correlata. Os

documentos escolhidos são abundantes (129 figuras) e bem reproduzidos, inserindo-se entre eles os exemplares conhecidos mais célebres e inúmeros vasos de menor conhecimento, a não ser em obras de referência e outras de difícil acesso. A *Bibliografia* é apresentada em um item destacando obras gerais e em vários outros itens acompanhando os assuntos tratados por capítulos. Obra de grande erudição, mas também de enorme beleza, dessas que estão minguando na produção científica dos tempos atuais, onde a sensibilidade parece secundária e o profundo saber ultrapassado.

O capítulo referente a textos e imagens da poesia épica é o mais longo e substancioso (p. 11-70) e o que comporta maior número de representações excepcionais. Os episódios relativos à disputa de Briseida e à embaixada a Aquiles, respectivamente cantos I e IX da *Ilíada* são figurados sobretudo em vasos áticos do primeiro quartel do séc. V a.C.; a morte de Sarpedão, canto XVI, aparece em documentos bastante conhecidos tanto vasos de figuras negras quanto de figuras vermelhas, mas é a profanação do cadáver de Heitor em torno da tumba de Pátroclo (*Il.* XII, 396-415) que se destaca em exemplos do Grupo de Leagros (figs. 16 e 17). Logicamente, um espaço privilegiado destina-se aos jogos fúnebres em honra de Pátroclo (*Il.* XXIII) em obras-primas da pintura cerâmica ática como no fragmento do Museu Nacional de Atenas (fig. 18), obra do pintor Sofilo de ca. 580-570 a.C., e na renomada cratera François do Museu Arqueológico de Florença, de mesma data, pintada por Clítias (figs. 19-20). Vale referir-se ainda à cena entre Príamo e Aquiles, por ocasião do resgate do corpo de Heitor (*Il.* XXIV), que é figurada já por volta de 570 a.C., em hídria de figuras negras do Museu da Universidade de Zurique, provavelmente a mais antiga e completa imagem deste episódio (fig. 23).

Da *Odisséia*, o Autor seleciona quatro episódios, dos quais o mais conhecido é o de Ulisses e Polifemo (*Od.* IX), mas os outros três aparecem pouco em obras similares: Ulisses e Nausicaa (*Od.* VI) figurados em vaso do justamente denominado Pintor de Nausicaa datado de ca. 440 a.C. (fig. 28); Circe transformando os companheiros de Ulisses em animais (*Od.* X e taça do Museu de Boston de ca. 550 a.C., fig. 35), a matança dos pretendentes (*Od.* XXII) figurada em ésqiwo de Berlim de ca. 440 a.C. (figs. 38-39) e em excepcionais fragmentos de cratera em cálice da Apúlia, datados de ca. 400 e conservados em Brasília, na Coleção de Herbert Cahn (fig. 40).

Os *Trabalhos e os Dias* de Hesíodo não oferecem versões dos mitos que tiveram muito sucesso no repertório imagético grego, com exceção da referência à criação de Pandora (*Hes.*, *T.* e *D.* 570-580), mesmo episódio figurado, entre outros exemplares, numa taça ática de fundo branco de Londres, datada de ca. 465 (fig. 41).

No que diz respeito à poesia lírica (p. 71-123), Shapiro oferece uma grande contribuição, uma vez que são poucos os estudos que destacam versões de mitos coletadas por poetas desta época e imagens correspondentes. Além do episódio de Hércules e Gerion transmitido por Stesícoro e que inaugura as representações do ciclo deste herói na pintura cerâmica de ca. 530 a.C., das façanhas de Teseu apropriadas por Baquílides e com sucesso nos vasos áticos do final do séc. VI e início do séc. V (Baquílides, 17 e 18; figs. 76, 78, 83), a referência maior é, sem dúvida, a Píndaro ora em sua *Ol.* 1 (Pélope e Enomau), *Pit.* 2 (Íxion), *Pit.* 4 (Jasão e os Argonautas), *Nem.* 1 (Hércules criança), *Nem.* 3 (Quíron e Aquiles), *Nem.* 9 (os Sete contra Tebas), mitos estes que com frequência foram pintados nos vasos áticos e italiotas de ca. 500-490 até ca. 360-359 a.C.

O capítulo destinado ao teatro trágico (p. 124-182) seria talvez o mais complexo a ser tratado, graças às inúmeras publicações sobre este tema. O Autor, porém, foi feliz na sua coleta de mitos e assistimos a um desfile extraordinário de obras excepcionais, dentre os vasos gregos, figurando cenas inspiradas da tragédia. Em *Ésqiwo*, Shapiro destaca o assassinato de Agamênon (*Ag.*) nos vasos áticos de estilo severo (figs 89-90) mas não deixa de assinalar imagens anteriores à obra de Ésqiwo, registrando uma versão mais antiga (figs. 87 e 88). Das *Coéforas*, são ressaltadas as cenas do encontro de Electra e Orestes no túmulo de Agamênon (figs. 91-92, vaso ático do Pintor de Penélope, Copenhague, ca. 440-430 até os exemplares do séc. IV de produção italiota) e do assassinato de Egisto por Orestes, incluindo uma versão anterior ao poeta, numa cratera do Museu

de Boston, de ca. 470, e, nas figs. 100-101, o interessante exemplar ápulo do Museu do Louvre, ca. 320 a.C., em que a cena é assistida por uma Erinia. Vários episódios de Orestes em Delfos, alguns relativos à cena de purificação do herói, transmitidos pelas *Eumênides*, tiveram sucesso tanto nos vasos áticos quanto nos exemplares produzidos na Magna Grécia e Sicília, alguns do séc. V, mas sobretudo do séc. IV.

As versões de mitos transmitidos por Sófocles e suas representações na pintura cerâmica ocupam pouco espaço neste livro de Shapiro. O Autor assinala imagens anteriores ao poeta referentes ao suicídio de Ajax (*Ájax*) e alguns poucos exemplares com Héacles combatendo Nessos (as *Traquínicas*). Maior e melhor análise merece a tradição euripideana, tal como a versão do saque de Tróia (as *Troianas*), as representações de Orestes e Ifigênia (*Ifigênia em Táuris*), da morte de Penteu (as *Bacantes*) e de Medéia assassinando seus filhos (*Medéia*).

No conjunto desta obra, fica o leitor frustrado em suas expectativas. Basta lembrar que toda a problemática sobre tradição textual e tradição gráfica, para repetir uma fórmula cara a Charles Dugas, nem de longe foi discutida: textos e imagens se sucedem como se tivesse havido relacionamento direto entre poetas e pintores, questão complexa que tem exigido análises acuradas de mais de um autor (por exemplo, Bruneau, Dugas, Goldhill e Osborne (eds.), Lissarrague, Metzger, Moret, Sarian).

Mas este não foi o caminho escolhido por Shapiro e, apesar de tudo, seu livro é rico de ensinamentos e contribuem sobremaneira para o nosso conhecimento de aspectos relevantes da Grécia antiga: mito e arte, poeta e pintor.

Bibliografia

- BRUNEAU, PH. De l'Image. *Revue d'Archéologie Moderne et d'Archéologie Générale* 4, 1986, 249-295.
- BRUNEAU, PH. Archéologie et Littérature. *Idem* 11, 1993, 55-91.
- DUGAS, CH. *Reccueil Charles Dugas*. Paris: De Boccard, 1960.
- GOLDHILL, S.; OSBORNE, R. (eds.). *Art and Text in Ancient Greek Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LISSARRAGUE, F. *L'Autre Guerrier. Archers, Peltastes, Cavaliers dans l'Imagerie Attique*. Paris, Rome: Éditions La Découverte, École Française de Rome, 1990 (Coll. "Images à l'Appui).
- METZGER, H. *Recherches sur l'Imagerie Athénienne*. Paris: De Boccard, 1965.
- METZGER, H. Une Nouvelle Approche de l'Image. *Bulletin de Liaison de la Société des Amis de la Bibliothèque Salomon Reinach*. Lyon, N.S. 2, 1984, 5-9.
- MORET, J.-M. *L'Ilioupersis dans la Céramique Italote. Les Mythes et leur Expression Figurée au IV siècle*. Genève: Institut Suisse de Rome, 1975.
- SARIAN, H. Réflexions sur l'Iconographie des Erinyes dans le Milieu Grec Italote et Étrusque. *Iconographie Classique et Identités Régionales, Bulletin de Correspondance Hellénique, Supplément XIV*, 1986, 25-35.
- SARIAN, H. ERINYS. *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC) III*. Zürich, München: Artemis Verlag, 1986, vol. 1:825-843; vol. 2:595-606.
- SARIAN, H.; MACHAIRA, V. ORESTES. *Lexicon Iconographicum o.c.*, VII, 1994, vol. 1:68-76; vol. 2:50-55.
- SCHEFOLD, K. *Götter-und Heldensagen der Griechen in der spätarchaischen Kunst*. München: Hirmer, 1978.
- SHAPIRO, H.A. Old and New Heroes: Narrative, Composition and Subject in Attic Black-Figure. *Classical Antiquity* 9, 1990, 114-148.
- SHAPIRO, H.A. Narrative Strategies in Euphronios. In Cygielman, M.; Iozzo, M.; Nicosia, F.; Zamarchi Grassi, P. (eds.). *Euphronios. Atti del Seminario Internazionale di Studi, Arezzo, 27-28 Maggio, 1990..* Firenze: Edizioni Il Ponte, 1992, 37-43.
- SIMON, E. *Die Götter der Griechen*. München: Hirmer, 1985.
- SNODGRASS, A. *Narration and Allusion in Archaic Art*. London: Leopard's Head Press, 1982.
- SNODGRASS, A. The First Figure-Scenes in Greek Art. In *An Archaeology of Greece*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1987, 132-169.